Cinqüentenário da 10ª Região Militar

(17 de setembro de 1992)(*)

Gen Ex. Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira

Coube a Vicente Yanez Pinzón, na sua tentativa de buscar novas terras para a Coroa espanhola, ao sul das que Colombo aportara, descobrir nossas praias ensolaradas e pouco habitadas. O Meridiano de Tordesilhas haveria de preservá-las para Portugal. Ao abandonar o rumo do ocidente e guinar para sudoeste, Pinzón veio ter diretamente às vizinhanças da foz do Jaguaribe, a Ponta Grossa, estimam os estudiosos, e bordejando a costa chegaria à enseada do Mucuripe que seu seguidor Diogo de Lepe, maravilhado com o perfil de suas brancas dunas batizaria com o sugestivo nome de Rostro Hermoso.

A Coroa portuguesa, tão descuidada de suas conquistas no novo Continente, mesmo quando a costa leste, desde o Forte do Rio Grande até a Bahia se tornou conhecida e explorada, deixava ao abandono o litoral leste-oeste. Foi preciso a presença dos franceses no Maranhão para que o Governador Geral Diogo Botelho se apercebesse do perigo que tal presença representava. Só, então, se preparou a expedição do bravo e desditoso Pero Coelho para expulsá-los. Por mar, seguiu a tropa e, por terra, a indiada guerreira. Assim constituída, a coluna, a custo de muitos sacrifícios e combates, avançou do Jaguaribe até o Pinaré (Parnaiba). Dali retrocedeu e nova investida não foi possível realizar. Terminaria em tragédia a malograda exploração. De todo aquele esforço ficariam apenas os vestígios do Forte de São Tiago, na foz do rio Ceará.

Tentaram em vão os jesuitas levar a paz aos silvícolas com a catequese empreendida pelos Padres Francisco Pinto e Luis Figueira. Deixando o litoral, embrenharam-se pelos sertões e, à custa de muitas privações, alcançaram o alto da Serra da Ibiapaba. Ali Francisco Pinto cairia vítima das bordunas dos Tocarijus. Regressa desolado o Pe. Figueira e alcança a barra do Ceará, onde funda a aldeia de São Lourenço, antes de retornar a Pernambuco.

Firmam-se os franceses, em São Luis, e se amiúdam as incursões ao litoral abandonado. No Forte do Rio Grande servia **Martins Soares Moreno**, cujo nome a História guarda com respeito, um jovem Te-

---

(*) Saudação proferida na sessão solene realizada no dia 17 de setembro de 1992, comemorativa do cinqüentenário de criação da 10ª Região Militar.

nente conhecedor do terreno, dos silvícolas e do inimigo, pois participara da primeira expedição, fizera-se amigo dos chefes indígenas e se defrontara com os franceses. Assim, com apenas dois homens parte para explorar a região e restabelecer o contacto com seus amigos. Diz Capistrano de Abreu (Rev. do Instituto do Ceará – 1904): "A vizinhança incitou-o a visitar terras cearenses. Fez a viagem três vezes e por tal modo soube captar a confiança dos naturais que afinal consentiram que se estabelecesse na terra." Nomeado Capitão- Mor, desembarca pela 5ª vez no Ceará, trazendo apenas seis soldados e um clérigo. Isto, no ano de 1611. Constrói a Igreja de Nossa Senhora do Amparo e o Forte de São Sebastião. Sua vida se confunde de tal modo com a terra e com o destino de seus habitantes que se torna figura proeminente na luta pela reconquista do Maranhão. Anos mais tarde Dom Felipe lhe faz mercê "...da Capitania da dita fortaleza de Seará por tempo de dez anos..." No dizer do nosso grande Barão de Studart "é ele o fundador do Ceará".

Esta lombada de terra que vem do Rio Grande do Norte e se derrama pelo Ceará, Piauí e Maranhão, palco de tantos acontecimentos históricos, serve para articular o Saliente Nordestino ao longínquo estuário do caudaloso Amazonas.

No Século XVII, interligadas, as três províncias lutaram pela independência tendo o Ceará colaborado decisivamente para a derrota de Fidié, o valoroso cabo de guerra português, antes que Cochranne desembarcasse em São Luis.

A República que se manifesta de modo mais duradouro na Revolução Farroupilha teve raízes mais profundas na Confederação do Equador, que empolgou nosso sertão.

Vira-se uma página da História. O Brasil passara de Colônia a Império e acabara por proclamar a República. Caminhava, vencendo dificuldades, buscando sua autodeterminação. Assistira de longe os horrores e as conseqüências da Primeira Guerra Mundial. Mantinha o Exército e a Marinha em condições de cumprir missões constitucionais. Embora remota, a ameaça sempre partira do sul e, por isto, o grosso da tropa ali se articulava. Quando, em 1939 ocorreu, na Europa, a invasão da Polônia, França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Tudo parecia muito distante...

O triângulo cujos ângulos se apóiam no Canal de Panamá, no Estreito de Magalhães e em Natal, define o contorno da América do Sul. Aí se destacam como pontos focais para a navegação: o Canal e o Estreito citados. Projetando-se sobre o Atlântico e intimamente ligado à defesa desses dois pontos, assim como à do estreito Natal-Dakar, apresentava-se com toda sua importância o Saliente Nordestino, cuja

manutenção, equipamento e defesa cabia a nós, brasileiros.

Evoluíam rapidamente os acontecimentos. O conflito se alastrava e logo nossa posição de neutralidade passou a ser contestada e violada. Em 1941, os Estados Unidos, atacados, entram na contenda. Apercebeu-se, então, o governo brasileiro da necessidade de resguardar o Nordeste, completamente desguarnecido. Coube ao Gen João Baptista Mascarenha de Moraes a árdua tarefa de alterar a ordem de batalha então existente, a começar pela própria 7ª Região Militar, sob seu comando, que dispunha apenas de um Batalhão de Caçadores em cada uma das Capitais dos cinco Estados sob sua responsabilidade, de Alagoas ao Ceará. Tarefa mais que árdua, hercúlea, teve que desempenhar o futuro comandante da nossa gloriosa Força Expedicionária Brasileira. Receber, alojar, prover e treinar as unidades mais modernas vindas do sul, motorizadas algumas, autopropulsadas outras, agravando o já difícil apoio logístico, num Nordeste pobre e desprovido de meios.

Na reorganização dos comandos e áreas de responsabilidade, mais uma Brigada seria criada, a 2 de abril de 1942, a 3ª Brigada de Infantaria, constituída pelos 23º e 29º BC (Fortaleza), 25º BC (Teresina), 24º BC (São Luis) e II/5º RADC, após sua chegada a Fortaleza, procedente do Rio de Janeiro, pelo "Almirante Alexandrino". O Comando dessa Brigada caberia ao Cel Penedo Pedra que a instalou a 23 de maio; a 17 de julho passaria a responder interinamente pelo comando o Cel. Bandeira de Melo. Reestruturada essa Brigada passaria a constituir a 10ª Região Militar. Eis o que reza o Histórico daquela Organização Militar:

"Aos 25 dias do mês de janeiro do ano de 1943, na cidade de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, no prédio situado à Rua Pedro I, nº 462 e sede do Quartel General da extinta 3ª Brigada de Infantaria, presentes todas as autoridades militares e civis, federais, estaduais e municipais, procedeu-se à instalação solene da 10ª Região Militar, criada pelo Decreto nº 4706, de 17 de setembro de 1942 e com jurisdição nos Estados do Piauí, Maranhão e Ceará".

A 3 de março de 1943, assumiria o Comando da Região o Gen. Gil Castelo Branco, de grande renome profIssional que procedia do Comando do Destacamento Misto de Fernando de Noronha, sentinela avançada da nossa defesa.

Decorridos são 50 anos, desde a criação da 10ª Região Militar. A histórica Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção acolhe hoje seu Quartel General. Pode-se assegurar que a Região é o reflexo dos grandes cidadãos e chefes que a comandaram na Guerra e na paz – Cerca de 30. Daqui sairia o Gen. Ciro do Espírito Santo Cardoso para assu-

mir a Pasta da Guerra e o Gen. Humberto de Alencar Castelo Branco chegaria à Presidência da República. Outros trouxeram para cá a experiência da guerra, no nosso litoral ou nos campos de batalha da Itália. Não importa; todos têm a marca do respeito, da serenidade e da segurança no cumprimento da missão.

Quando a elite intelectual do Instutito do Ceará se reúne em sessão extraordinária para celebrar esta efeméride é porque encontra motivos para fazê-lo, depois de exame de tudo que a 10ª RM tem realizado desde sua criação, nos momentos de crise, de secas, de enchentes, de paixões desencadeadas. A presença do seu soldado simboliza a paz, a concórdia, o apoio desinteressado e, quando a ocasião o exige, a ordem, buscando estreitar os laços que unem civis e militares irmanados pelo pensamento sempre voltado para a grandeza da Pátria e do sofrido povo brasileiro.